

Jornada Interna de TRIEB Espaço de Psicanálise:

As cinco lições de Freud

Homem dos Ratos: neurose obsessiva e transferência

Clarissa Ibañez de Lima

Psicanalista Membro de Trieb Espaço de Psicanálise

O presente trabalho tem como elemento norteador a transferência no caso clássico do Homem dos Ratos, sendo este, conceito fundamental da psicanálise e entendido como fio condutor do tratamento e condição para que este aconteça. Em 1905, no caso Dora, Freud aponta que a transferência é uma exigência indispensável para a técnica analítica, e que não haveria meios para evitá-la, uma vez que, o amor de transferência, que por vezes pode surgir como sentimento de hostilidade, seria o motor para o tratamento. Tais sentimentos deveriam ser aproveitados na análise, tornando a transferência aliada do tratamento analítico.

Em 1909 Freud publica Observações sobre um caso de neurose Obsessiva, sua produção mais extensa sobre a neurose obsessiva e na qual nos traz com riquezas de detalhes o tratamento de seu paciente Ernst Lanzer, que se tornou mais conhecido como “Homem dos Ratos”, sendo possível apontar diversas situações que revelam a relação transferencial existente na dinâmica do tratamento que durou cerca de 11 meses.

Logo no início do relato do caso clínico, Freud nos apresenta o que seria o primeiro indício de transferência, no qual na primeira sessão o paciente traz muitas informações sobre sua vida sexual e quando questionado por Freud sobre o porquê de assim fazê-lo, responde que havia lido seu trabalho, Psicopatologia da vida cotidiana, que o fez relacionar com suas ideias, sendo este o motivo de confiar à Freud o tratamento de sua doença. O contato de Ernst Lanzer com o texto freudiano fez surgir a transferência com a psicanálise e com Freud.

De acordo com Freud, Ernst Lanzer tratava-se de um jovem culto e bem-educado, entretanto, era atormentado por ideias obsessivas, agravadas nos anos que antecederam o início da análise, que consistiam no medo que algo de mal pudesse ocorrer com uma certa dama, a qual dedicava um amor idealizado e com seu pai, na época já falecido. Além disso, tinha uma série de sintomas, tais como: compulsões, prescrições minuciosas e ordens autoimpostas.

O paciente relata que o início de seus pensamentos obsessivos se deu por volta dos 7 anos de idade, quando passou a ter ereções e suspeitava que suas ideias, como a morte do pai ou de que seus pais poderiam ler pensamentos teria relação com as ereções. (Aqui o paciente demonstra, na fantasia, como o desejo sexual estaria ligado à morte do pai e relaciona desejo sexual com pensamentos obsessivos). Antes disso, tivera experiências sexuais com a governanta, nas quais lhe era permitido acariciá-la por debaixo de suas vestes.

O grande temor obsessivo surgiu depois que o paciente se deparou, em sua carreira militar, com um capitão que defendia o castigo corporal, que por sua vez revelava um certo gosto por crueldades. Durante uma prática de exercícios militares em que perdeu seu par de óculos, sentou-se entre dois oficiais, sendo um deles o capitão mencionado anteriormente a quem Ernst temia. O citado capitão, nessa ocasião, lhe relatou o teor de um artigo de crueldade que havia lido. No momento em que relatava a situação, Ernst Lanzer pediu para Freud poupá-lo de contar-lhe os detalhes, mas o analista disse que não tinha gosto por crueldade, e certamente não tinha desejo de atormentá-lo gratuitamente. Então, segue... o condenado seria amarrado e sobre seu traseiro seria colocado um recipiente de vidro com ratos que perfuravam o seu ânus. A partir da fala deste capitão, o paciente passa a ter pensamentos frequentes de que tal tortura aconteceria com a dama por quem tinha afetos e a seu pai.

A narração sobre a perda dos óculos e as tentativas de pagar a quem lhe havia enviado um novo par pelos correios aparecem de forma confusa, no entanto, Freud relata: “No final dessa segunda sessão ele se comportava como se estivesse atordoado e confuso. Chamava-me de “capitão”, provavelmente porque no início eu afirmara não ser cruel como o capitão M. e não abrigar a intenção

de atormentá-lo gratuitamente.” Aqui aparece mais um indício da relação transferencial, na qual Freud, na tentativa de combater as resistências de seu paciente se coloca como alguém que não lhe ofereceria nenhum tipo de perigo. Nesta passagem podemos entender que Ernst, sob transferência, repete com o analista o medo do capitão, que em última instância, se revela no medo do pai.

Outro dado importante sobre o caso é o fato de que o pai de Ernst se casara por conveniência com sua mãe, que era uma mulher de família rica e que entre eles sempre era mencionado (em forma de brincadeira, pois aparentemente os pais do paciente tinham um bom casamento) o fato de que ele (o pai) havia sido apaixonado por uma mulher pobre, porém bonita, entretanto, ainda assim, decidiu casar-se com a mãe do paciente.

Sendo este um conflito para o paciente, pois seus pais queriam que ele se casasse com a filha de um primo da mãe, após concluir seus estudos, em uma relação de negócios. Freud, então, interpreta que esse plano familiar desencadeou uma doença que adiou a conclusão de seus estudos e assim impossibilitando o casamento: ou casava-se com a jovem rica, como seu pai, ou ficava com a jovem pobre que amava. Tal interpretação sobre a causa de seus sintomas obsessivos não foi aceita pelo paciente. (Freud, em uma nota de rodapé escreve: “o propósito de tais discussões não é jamais o convencimento. Elas devem apenas introduzir os complexos reprimidos na consciência, avivar a luta em torno deles no terreno da atividade psíquica consciente e facilitar a emergência de novos materiais do inconsciente. A convicção vem somente após a elaboração do material readquirido pelo doente...”

Freud traz a ideia de que as interpretações lançadas aos pacientes causam efeito sobre os sintomas e que a partir disso, o sintoma, como formação do inconsciente, pode ser trabalhado como produção do analisante. Na sequência desse episódio ocorre um fato que Freud aponta como efeito da transferência, produzido a partir da interpretação anterior: o paciente encontra uma moça na escada do consultório do analista que supõe ser filha dele, surgindo, então, a fantasia de que Freud o tratava de forma gentil e amável por ter interesse de que ele se tornara seu genro. Depois dessa sessão, Ernst teve um sonho com essa jovem que, onde no lugar dos olhos havia duas bolas de estrume. A interpretação do analista se deu da seguinte forma: “Ele se casaria com minha filha, não por causa de

seus belos olhos, mas sim pelo dinheiro” o estrume equivalia ao dinheiro. Mesmo assim, o paciente negava a relação feita entre a transferência presente e os acontecimentos passados relatados anteriormente. (Aqui vale ressaltar que Freud não revelou ao paciente o fato de que a moça não era sua filha, permitindo a livre associação do analisante, sem entrar no discurso fenomenológico.) Foi então, como efeito da interpretação, que Ernst mencionou que na época em que estudava para exames, em um ritual, imaginava que seu pai estava vivo. Estudava até tarde da noite e entre meia noite e uma da manhã abria a porta de entrada esperando por seu pai como se ele estivesse ali, depois de voltar, tirava seu pênis e o contemplava diante do espelho do vestíbulo. Enquanto seu pai era vivo, Ernst era um estudante relapso e ao fazer tal ritual na “hora dos fantasmas” poderia alegrar seu pai mostrando-lhe como estudava, por outro lado, ele o desafiava em um ato de rebeldia. Tal ritual demonstra a ligação com o desejo sexual que aparece em ato, quando criança, quando morde a babá e depois se rebela contra o pai lançando uma série de xingamentos, como podemos observar a seguir.

A partir desses indícios, Freud supôs que ele provavelmente se masturbava quando tinha aproximadamente seis anos e que fora severamente castigado pelo seu pai. Nesse momento, Ernst encontra a seguinte lembrança: muito pequeno, no momento da morte de sua irmã, ele cometeu um ato grave pelo qual seu pai lhe bateu, mais tarde, com a confirmação de sua mãe, descobrira que havia mordido alguém, provavelmente a babá. Em resposta ao pai que lhe havia batido ficou furioso lançou uma série de xingamentos a ele, mas por não conhecer nenhuma palavra ofensiva, ele lhe deu todos os nomes de objetos que lhe passavam pela cabeça: “Você lâmpada! Você toalha! Você prato!” Ao que o pai declara: “Esse pequeno ou se tornará um grande homem ou um grande criminoso.” É neste momento que seu caráter se modifica: de colérico que era (como o pai), ele se torna covarde. Após essa sessão, passou a surgir em sonhos e pensamentos espontâneos xingamentos dirigidos a Freud e a seus familiares, relatava ao analista de forma respeitosa e interrogava-o sobre o porquê não era mandado embora depois de ouvir tantas coisas horríveis a seu respeito. Ocasão em que explica que se levantava do divã por não se permitir estar deitado confortavelmente proferindo tais insultos e que se afastava de Freud por medo de que ele o surrasse, buscando proteger a cabeça com as mãos e cobrir

o rosto com os braços, lembrando-se de que seu pai possuía um gênio “irascível”, no qual não sabia até onde poderia chegar. Esta passagem revela uma repetição em ato, uma mostração, na qual Ernst, transferido com Freud, repete a cena vivida com seu pai, onde por um lado provoca a partir de xingamentos e espera a punição pelo seu crime. Depois desta experiência em análise, segundo Freud, “estava livre o caminho para a solução da ideia que envolvia os ratos”, na qual a seguir Freud associa com a identificação com o pai que também fora militar e que gostava de jogar, era um Spielratte, “rato de jogo” em alemão, onde contraira uma dívida com um colega também oficial militar e que jamais conseguiu pagar. Aqui também justifica toda série de contradições e evitações para pagar ao responsável por enviar seus novos pares de óculos. Revela também a repetição: Pai violento, Capitão violento, Freud violento e os ratos violentos.

Nesta passagem do caso, torna-se clara e evidente a transferência do analisante em relação ao analista e por outro lado, como Freud sustenta seu lugar permitindo a livre associação e rememorações em ato do analisante, mostrando a cena que ele viveu com o pai.

Ernst Lanzer estava fortemente transferido com Freud, o que justifica o desenrolar do tratamento. Algo que não ocorre em outro caso relatado por Freud no mesmo texto sobre o Homem dos Ratos em que um paciente, um funcionário público lhe chamara a atenção por sempre pagar as sessões com cédulas de florins perfeitamente lisas, quando certa vez Freud fez a observação de que se podia reconhecer um funcionário do governo pelos florins novos que sempre recebia, quando então o paciente lhe revela que as notas não eram novas e sim que as passava a ferro para não entregar cédulas sujas e com bactérias nocivas a alguém. Mais tarde, em outra sessão, o mesmo paciente revela que em muitas ocasiões convidara moças de boas famílias para um passeio no campo, arranjando formas de perderem o trem da volta obrigando-lhes a passarem a noite em um albergue. O paciente relata que sempre solicitava quartos separados, mas que no meio da noite, quando a jovem estava na cama ele entrava no quarto e a masturba com os dedos. Neste momento Freud faz uma interpretação perguntando-lhe se não se sentiria mal ao tocar-lhe os genitais com as mãos sujas. Neste caso, o paciente em questão, sai da sessão e não retorna mais. Aqui, como se vê em psicanálise, há uma

passagem ao ato, na qual mostra que apesar de haver uma verdade na interpretação de Freud, onde o desejo do paciente é revelado, o de transmitir algo nocivo. (se defendia de seu desejo passando a ferro as notas de dinheiro). Neste caso podemos lançar a hipótese de que o paciente em questão não estava suficientemente transferido ao ponto de suportar tal interpretação de Freud.

Em todo tratamento psicanalítico tendo a transferência como um de seus elementos fundamentais não há relação interpessoal entre dois sujeitos e sim a relação do sujeito (analisante) com o Outro/outro, os quais o analista faz semblante (como na passagem em que Freud não revela ao analisante o fato de que a moça que Ernst encontrou na escada de seu consultório não era sua filha, para permitir a associação livre do paciente).

Para que a relação transferencial se estabeleça é necessário que o paciente, ainda em entrevistas preliminares ou até mesmo antes delas como no caso do Homem dos Ratos, em que Ernst Lanzer escolhe Freud a partir da leitura de um texto seu, deposite no analista um suposto saber sobre o mal que lhe acomete. Saber este, que é suposto, porém é um lugar sustentado pelo analista para que seja possível dar lugar à associação livre, ferramenta indispensável ao processo de análise. Freud nos deixa claro como situa, na prática clínica, a transferência, como ele recebeu seu lugar de analista ao ponto de sustentar o lugar do grande Outro, como pai, como capitão, como possível sogro...

Neste caso clínico, assim como em outros, Freud nos brinda com a sua generosidade ao construir sua teoria compartilhando seus sucessos e insucessos ao longo de sua genial obra que é a psicanálise. Todo o material produzido por Freud e depois retomado por Lacan nos é imprescindível para o estudo permanente da clínica psicanalítica, que nos instiga a interrogar constantemente nosso lugar de analista e a buscar a produção de um saber através da interlocução com nossos pares, do próprio processo de análise e da formação dentro de cada percurso particular.

Referências Bibliográficas

FREUD, S. *O homem dos ratos*. In: STRACHEY, J. (Ed.). *Obras completas de Sigmund Freud*. Volume IX. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 115-128.

FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia*. In: STRACHEY, J. (Ed.). *Obras completas de Sigmund Freud*. Volume XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 75-176.

LACAN, J. *Seminário 8: A transferência*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LACAN, J. *Seminário 10: A angústia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.